



DESENVOLVIMENTO DE EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS

Um estudo de caso na Casa de Economia
Solidária da Região do Cariri Ocidental da
Paraíba.

Jeferson Silva de Andrade¹

RESUMO

As Casas de Economia Solidária já são uma realidade presente em cinco cidades da Paraíba e em quatro regiões do estado. O presente trabalho relata como tem se desenvolvido os empreendimentos solidários da região do Cariri Ocidental da Paraíba após a implantação da Casa de Economia Solidária (ES) na cidade de Sumé - PB. O objetivo desta pesquisa buscou analisar o desenvolvimento desses empreendimentos por meio da Casa de ES. A metodologia utilizada neste trabalho foi de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa descritiva. Os dados foram obtidos através de gravação de entrevistas concedidas pelos membros da referida Casa e analisados com a ajuda do software Atlas.ti. Os fatores de análise buscaram identificar as possibilidades e impactos sociais, os desafios e a inovação que a Casa vem utilizando para tocar esse projeto adiante. Por fim, através da análise dos resultados, evidenciou-se as necessidades que os negócios presentes na Casa tem e como isso tem afetado o desenvolvimento desses empreendimentos.

Palavras-chave: Economia Solidária; Casa de economia solidária; Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

Após o advento da internet, da informação de forma rápida e do surgimento de novas tecnologias, um dos maiores desafios de qualquer organização é se adaptar a velocidade em que as coisas vão surgindo. O sistema capitalista cada vez mais excedente da força de trabalho tem mudado sua forma de agir, hoje percebe-se que o trabalhador não é o mesmo da outrora, isso vale para qualquer tipo de trabalho. No campo não é diferente, o agricultor hoje precisa desenvolver-se para manter sua atividade rural de pé. A urgência no desenvolvimento do homem do campo levou ao surgimento de economias inclusivas capazes de criar oportunidades, seja de emprego formal ou de forma autônoma, que tem levado a agricultura a buscar estratégias de sobrevivência e que resultem em retorno para o agricultor e para a região com um todo.

Nessas contestações, observou-se algumas alternativas no surgimento de oportunidades de renda e sustentabilidade para o camponês, entre elas se destaca a da Economia Solidária (ES). Segundo Singer (2002) a Economia Solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o

¹ Graduado em Administração pela UFCG. Concluinte do curso MBA em Gestão Empreendedora e Inovação.
E-mail: jefersonandrade30@gmail.com



direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda.

A ideia de ES não é algo novo, muitos relatos históricos de séculos passados a trazem como um modo de economia social que supriam as necessidades de um povo de determinada comunidade. Existem relatos históricos sobre como os índios viviam no Brasil, dividindo e repartindo os bens e os conhecimentos e passando de geração em geração a tradição. Tudo isso são exemplos da forma como a economia solidária foi se inserido no sistema. De acordo com Tauile e Rodrigues (2004) nos anos 90, a economia destacou-se pelos avanços tecnológicos no mercado financeiro de forma global e pelas implementações de políticas neoliberais que reduziram a inflação, mas também provocaram o aumento no número de falências e, conseqüentemente, do desemprego. Nessa época, a Economia Solidária surgiu no Brasil, disseminando-se principalmente na década de 1990.

Nos últimos anos nota-se que as organizações brasileiras tem abraçado essa ideia de economia, com o intuito de fortalecer vínculos para sobreviver no mercado e buscar humanizar-se perante uma sociedade exigente e carente de políticas públicas. A região do Cariri Paraibano, composto por vinte e nove municípios e uma população de cerca de 160 mil habitantes segundo o IBGE, tem se desenvolvido graças a diversas práticas de políticas públicas além da implantação do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande na cidade de Sumé, e dos campi da Universidade Estadual da Paraíba e do Instituto Federal da Paraíba na cidade de Monteiro.

A ES recebe apoio de diversos agentes externos como ONG's, cooperativas, igrejas, universidades, parque tecnológico, movimentos sociais, poder público e privado e claro da sociedade civil como um todo que tem abraçado essa causa. Está prática tem se disseminado através da ideia de um consumo mais consciente das coisas, da diminuição dos agrotóxicos, da decrescente agressividade com a natureza e da valorização da produção local. Na dimensão da economia solidária desenvolvida na região do cariri, destaca-se a "casa de economia solidária", espalhadas em quatro regiões da Paraíba sediadas em algumas cidades: João Pessoa, Sapé, Pombal, Soledade e na região do cariri ocidental sediada em Sumé. A casa é formada por homens e mulheres da região do Cariri que através do incentivo por parte do governo do estado descobriram nela uma forma de comércio e cooperação. Com a ajuda do poder público, foram desenvolvidas estas casas que hoje ajudam na geração de renda e no sustento de diversas famílias através dos trabalhos desenvolvidos.

O presente trabalho propõe analisar os impactos que a economia solidária trouxe para a região do Cariri Paraibano através da Casa de Economia Solidária, bem como sua dinâmica tecnológica para desenvolver-se nesta região, e a visão de futuro que os empreendedores tem nos dias atuais.

1.1 Problema de Pesquisa

O meio rural ainda é um local pouco desenvolvido no Brasil. O desenvolvimento rural é voltado quase exclusivamente para as grandes empresas que exploram as terras e os recursos humanos existentes, tendo como objetivo principal o lucro através do capitalismo. Embora nos últimos anos essa ideia tenha apresentado resultados importantes, como o significativo



aumento da produtividade rural em diversos aspectos como a agropecuária e agronegócio, essa estratégia resultou em beneficiar apenas os empresários e deixando o camponês de lado no que se refere à força do trabalho que caracterizam o meio rural brasileiro. Com um cenário precário no campo e a falta de emprego e renda, muitos trabalhadores foram obrigados a deixar sua terra sem perspectiva de futuro. Após a implantação de práticas de desenvolvimento no campo, como a criação de cooperativas e associações, a situação no campo melhorou um pouco, e tende a melhorar ainda mais. O advento da ES contribuiu diretamente para que as pessoas pudessem tirar do próprio lugar o seu sustento. Na região do cariri paraibano, por exemplo, existe o cultivo do umbu que é muito forte e fez com que muitas pessoas pudessem através dele enxergar uma fonte de sustento e renda. Também há o cultivo do mel de abelha, do leite de cabra, trabalhos de artesanato, entre outros. Neste sentido, o presente trabalho procura responder a seguinte indagação: qual foi a contribuição de desenvolvimento que a Casa de economia solidária trouxe para os empreendimentos existentes no cariri ocidental paraibano?

1.2 Objetivo geral

Analisar o desenvolvimento dos empreendimentos solidários na região ocidental do cariri paraibano através da Casa de Economia Solidária na cidade de Sumé-PB.

1.2.1 Objetivos específicos

- Identificar práticas de cooperação e os benefícios presentes na Casa de economia solidária na região do cariri paraibano;
- Identificar as possibilidades e impactos sociais que a Casa tem proporcionado;
- Investigar os desafios e o que se está fazendo de inovador para a continuidade deste projeto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Economia Solidária

Vivemos numa era marcada por desigualdades e divisões onde o capitalismo ainda se consolida como a base da economia. Hoje percebe-se outras práticas que fomentam a igualdade e a divisão justa, dentre eles o projeto de economia solidária. De acordo com Lima (2010), a economia solidária foi proposta por operários nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultantes da difusão das máquinas-ferramenta e do motos a vapor no início do século XIX. A partir daí, surge as cooperativas como uma resposta por parte dos trabalhadores de recuperar o trabalho e autonomia econômica, aproveitando os valores democráticos perenes ao socialismo da época.

O conceito foi construído ao longo do século XX na Europa, no interior da chamada “economia social”. Tal expressão representa um debate sobre as possibilidades de cooperação econômica e as formas de manifestação da solidariedade na sociedade, englobando atividades econômicas, como aquelas desenvolvidas por cooperativas de trabalhadores nos mais diversos setores produtivos, e não econômicas, como o trabalho voluntário em associações de diferentes finalidades. (SILVA, 2018, p. 12)



Para Mance (1999), as práticas de economia solidária enfatizam a participação coletiva, cooperação, autogestão, democracia, autosustentação, a promoção do desenvolvimento humano e da equidade de gênero, responsabilidade social e a preservação do equilíbrio dos ecossistemas, assegurando condições materiais satisfatórias para o exercício ético da liberdade. Perceba que o critério básico para esse projeto são as formas de organização da produção que trazem consigo o fundamento da inclusão social como a participação coletiva, cooperação e autogestão, que diferem literalmente da ideia do capitalismo.

Sendo assim, a economia solidária é um programa voltado para o trabalho e não para o capital em si, pois entende que somando forças, todos podem obter ganhos seja de forma monetária ou de capital intelectual. E isso tem se difundido bastante neste novo século como uma nova forma de organização da economia que propõe a igualdade, deixando de lado aquela ideia do ser humano como um mero recurso da produção.

Por outro lado, a economia solidária não é um projeto voltado apenas para pobres e excluídos, mas algo que promove avanços em diversos contextos que envolve a sociedade de forma ampla trazendo desenvolvimento econômico. De acordo com Cattani (2003), essa nova economia se propõe a recuperar socialmente o que o progresso tecnológico proporcionou e excluiu em determinadas situações. Para Castro e Pascali (2003), é um espaço onde os associados trocam entre si produtos, serviços e saberes, de uma forma solidária, promovendo a auto-ajuda, num sistema alternativo à economia vigente, que respeita normas e éticas ecológicas.

Percebe-se, portanto, que a economia solidária é uma das melhores formas de cooperação e solidariedade, tão presentes nas cooperativas e associações rurais. A economia solidária transforma vidas e insere aqueles que até então não tiveram oportunidade. O que interessa nesse projeto de economia não é o que você é, mas o que você sabe, para assim disseminar e promover ações empreendedoras sem individualidade, competitividade e exclusão social. Para França-Filho e Laville (2004) a ES não atua em um campo fora do capitalismo e do mercado formal mas, ao contrário, atua preenchendo espaços dentro de realidades já existentes na busca de alternativas viáveis de desenvolvimento, pois considera aspectos econômicos e não econômicos.

De acordo com Nascimento (2007) o capitalismo, desde seu surgimento e expansão, vem avançando nas formas de organização da produção, revolucionando e disciplinando as formas de gestão da força de trabalho e conseguindo, assim, ampliar sua dominação mundial, através de novos processos de trabalho, tecnologias e materiais. Neste sentido, é preciso buscar dentro do próprio sistema formas baseadas em valores mais humanos, na busca da autonomia do coletivismo, e em práticas sociais e ambientais sustentáveis, pois o universo da economia solidária atua justamente na diversificação das variadas formas de cooperação.

Embora existam diferentes visões sobre economia solidária, ora indicada como um seguimento revolucionário e de mudança radical, ora como uma solução ao desemprego e à exclusão social por meio da cooperação e solidariedade entre trabalhadores, o grande dilema seria justamente como esses empreendimentos solidários poderiam sobreviver em meio a um mundo tão consumista, pois olhando pela ótica capitalista, se faz necessário uma junção do social e dos ganhos que ela proporciona para os atores envolvidos.

2.2 Casa de Economia Solidária e seus empreendimentos



As casas de ES estão localizadas em diversas regiões da Paraíba e sediadas em algumas cidades. A Casa que será objeto deste estudo localiza-se na região do cariri ocidental na cidade de Sumé e tem o nome de "Central de comercialização da agricultura familiar e economia solidária". Esta Casa foi inaugurada em maio de 2018 e conta com diversos empreendimentos oriundos de cooperativas existentes na região do cariri ocidental.

Tais empreendimentos são definidos como empreendimentos econômicos solidários (EES) que são organizações comunitárias, supra familiares, cujos participantes ou sócios são trabalhadores dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a justa distribuição dos resultados, incluindo empreendimentos que estão em processo de criação e com diversos graus de formalização, prevalecendo a existência real do negócio. Para ser definido como um empreendimento econômico solidário, França Filho e Laville (2004) apresentam cinco critérios que refletem traços característicos desse tipo de negócio.

Estes cinco traços observados informam, respectivamente, sobre a natureza e origem dos recursos mobilizados nas iniciativas, refletindo sua forma de sustentabilidade; sua autonomia gestonária e a natureza das relações interinstitucionais que são estabelecidas; o processo de tomada de decisão e os valores requeridos; o padrão das relações sociais estabelecidas no grupo de trabalho e a natureza do vínculo social que se tenta construir; e sua finalidade. (FRANÇA FILHO e LAVILLE, 2004, p. 167)

Os empreendimentos econômicos solidários formam as chamadas organizações de primeiro nível. Segundo França Filho (2007) representam o núcleo fundamental de constituição do campo. Trata-se das formas, por excelência, de auto-organização sócio-econômica. Neste âmbito pode se alinhar diferentes experiências ou categorias, o que permite distinguir variadas práticas de economia solidária. Por exemplo, as finanças solidárias envolvem experiências de bancos populares, cooperativas de crédito e, mais recentemente, os bancos comunitários. Existem, também, as iniciativas que participam de uma categoria mais conhecida como comércio justo, além do segmento do chamado cooperativismo popular, expressão talvez majoritária no campo dos empreendimentos solidários. Deve-se incluir, ainda, iniciativas como os clubes de troca, que são formas muito específicas de práticas de economia solidária, constituindo uma categoria que poderíamos definir como uma "economia sem dinheiro". Em seguida, deve-se salientar as associações de moradores que constroem redes de práticas econômicas solidárias.

Na região do cariri ocidental, a Casa encontra-se hoje com empreendimentos de diversos segmentos descritos no quadro a seguir:

Quadro 1: Empreendimentos Solidários da Região do Cariri Ocidental

EMPEENDIMENTO	PRODUTO	MUNICÍPIO
AGRIPESCA (Associação de Pescadoras de Camalaú)	Filé de tilápia e traíra (peixes) e objetos produzidos com escama de peixes	Camalaú



CONARENDA Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades Vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano	Produtos para cama, mesa e vestuário em renda renascença	Camalaú, Monteiro, São João do Tigre e Zabelê
Grupo de Mulheres Produtoras de Vassouras	Vassouras de garrafa pet recicladas	Congo
Associação dos Apicultores de São José dos Cordeiros	Mel	São José dos Cordeiros
APFAS (Associação dos Produtores Familiares Agroecológicos de Sumé)	Hortaliças orgânicas, doces, polpas de frutas.	Sumé
Associação Rural Beneficente de Terra Vermelha	Derivados de frutas e queijos	Sumé
Grupo Arte e Vida	Bonecas de pano e crochê	Sumé
Grupo de Mulheres Arte e Pesca	Objetos produzidos com escama de peixe	Sumé
SUMEFRUTYS	Polpas de frutas nativas e sucos detox	Sumé
CARIMBU	Polpas, gelatina, doces todos de umbu	Sumé

Fonte: Governo da Paraíba

Todos esses empreendimentos receberam apoio da Casa no sentido de desenvolver-se e se capacitarem promovendo a geração de renda alicerçada na solidariedade e gestão democrática. Essa experiência de juntar empreendimentos de diversos segmentos tem levado a promoção de práticas no campo da produção, da comercialização, do apoio em ter um local para esse comércio, da troca de experiências entre os entes participantes, de entender mais sobre finanças de um negócio entre outros aspectos que fazem com que a economia solidária seja uma forte aliada aos negócios existentes na Casa.

2.3 Visão de futuro da economia solidária do cariri ocidental

Com a crescente demanda de projetos voltados para a economia solidária, seja de forma de cooperativas, associações, ou até de forma autônoma, a sociedade tem buscado cada vez mais inovar, principalmente em um cenário de desemprego alto que o país passa. Segundo Kraychete (2007) num país como o Brasil, onde um grande contingente de trabalhadores sempre esteve fora do emprego assalariado regular, a expansão consistente dos empreendimentos da economia popular solidária pode somar-se ao processo mais amplo de transformação do trabalho: do estatuto de carência para o estatuto político de produtor e produto da cidadania. Representaria, portanto, um passo e uma forma de caminhar, ao lado de outros, no itinerário pela desmercantilização da força de trabalho.



Desde 2014, a Paraíba vem desenvolvendo ações no processo de implantação de economia solidária nas regiões do estado. Neste mesmo ano aconteceu a III Conferência Estadual de Economia Solidária - COES que reuniu os diversos segmentos que trabalhavam com economia solidária. A partir daí, surgiu o Plano Estadual de Economia Solidária que veio nortear de forma participativa e democrática e ser a principal diretriz desta política pública no estado da Paraíba.

Em maio de 2018, aconteceu a inauguração da Casa de economia solidária em Sumé, reunindo diversos empreendimentos já existentes nas associações e cooperativas rurais da região do cariri ocidental. Dos vários empreendimentos, hoje 11 fazem parte assiduamente da Casa e contam com a ajuda de diversos meios que impulsionam a região, a exemplo do campus da Universidade Federal de Campina Grande implantado em Sumé, que vem dando grande ajuda para alguns empreendimentos existentes com os projetos entre a academia e a sociedade civil.

De acordo com o plano estadual de economia solidária (2014) a visão de futuro é que a economia solidária seja reconhecida social, política e legalmente e incorporada nas políticas públicas como estratégia de promoção de desenvolvimento sustentável, solidário e democrático que possibilite aos empreendimentos econômicos solidários resultados efetivos que propicie vida digna aos seus trabalhadores e trabalhadoras. Além disso tem como objetivo estabelecer, de forma, participativa e democrática, um conjunto de diretrizes para a consolidação e o desenvolvimento da política de Economia Solidária no Estado da Paraíba, constituindo-se em uma agenda de execução de propostas articuladas e um instrumento de controle social.

Partindo do cenário estadual e indo para o cenário nacional, existe uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) de nº 69/2019 que tramita no Senado Federal para acrescentar o inciso X ao art. 170 da Constituição Federal para incluir a economia solidária entre os princípios da Ordem Econômica de autoria do senador Jaques Wagner. De acordo com o autor da proposta, apesar de ter relevância social e estar inserida entre os objetivos fundamentais da República, a economia solidária no Brasil ainda carece de políticas públicas direcionadas. O senador explica que a inclusão desse conceito entre os princípios da Ordem Econômica da Constituição de 1988 será benéfica para o desenvolvimento do país.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho teve-se como objetivo analisar o desenvolvimento dos empreendimentos solidários na região do cariri paraibano através da Casa de ES na cidade de Sumé-PB. Para tanto, a metodologia utilizada neste estudo baseia-se em uma abordagem de pesquisa de campo de natureza qualitativa descritiva, a partir do estudo de caso realizado na Casa ES situada na cidade de Sumé - PB, que são formados exclusivamente por empreendedores de diversas cidades da região do cariri ocidental da Paraíba.

A coleta de dados adotou técnicas como entrevistas semiestruturadas, análise documental, análise *in loco* e observação dos participante da referida Casa. Desse modo, para adicionar a essas informações, foram utilizados como fontes secundárias de pesquisa materiais disponíveis como o plano estadual de economia solidária, o projeto inicial na íntegra, o manual do projeto na Paraíba, entre outros tipos de materiais que apóiam e executam o projeto, fornecendo credibilidade às informações colhidas. Foram realizadas 6 entrevistas, não



havendo descarte de nenhuma delas. Cada entrevista teve em média 7 minutos de duração e foram realizadas no período compreendido entre 30/07 e 02/08/2019.

Abaixo segue quadro com algumas informações das entrevistadas

Quadro 2: Entrevistas

ENTREVISTADOS GRUPOS	GRAU DE ESCOLARIDADE
Entrevistada E01 Gerente	Superior Completo
Entrevistada E02 Empreendedora	Superior Completo
Entrevistada E03 Empreendedora	Médio Incompleto
Entrevistada E04 Empreendedora	Superior Completo
Entrevistada E05 Empreendedora	Fundamental Incompleto
Entrevistada E06 Cliente	Médio Completo

Fonte: Elaboração do autor

Para a realização do tratamento dos dados foi feita uma análise de conteúdo seguindo as etapas adotadas por Bardin (2011), nas seguintes etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Para auxiliar nas análises, foi utilizado o Atlas.ti como software de análise de dados qualitativos (SADQ), que permite a exploração de fatos complexos, os quais, possivelmente, seriam detectáveis com maior dificuldade com a simples leitura dos textos e com os áudios das entrevistas concedidas, colocando-os em um único projeto e estruturando seus resultados em redes semânticas conceituais, possibilitando o enriquecimento da apresentação dos resultados desta pesquisa. Os resultados foram abordados segundo dimensões, categorias de análise e serão apresentados a seguir.

4 RESULTADOS

A Paraíba vem propondo alternativas de geração de renda alicerçada na solidariedade e gestão democrática através de práticas sustentáveis. As Casas de Economia Solidária foram criadas para agregar iniciativas no campo da economia e fortalecer vínculos entre sociedade civil e empreendedores que até estavam um pouco esquecidos pelo poder público. Com isso, as Casas espalhadas em quatro regiões do estado oferecem atividades de formação e capacitação para empreendedores, gestores públicos e sociedade civil em geral. Na sequência, serão apresentados e discutidos os resultados encontrados com base na pesquisa de campo realizada. Os resultados avaliados foram divididos em três variáveis de análise: possibilidades e impactos sociais, desafios e inovação.

4.1 Possibilidades e Impactos Sociais promovidos pela Casa de Economia Solidária

No que diz respeito ao fator possibilidades e impactos sociais, foram identificados quatro categorias de análise, a saber: experiência adquirida, aumento da satisfação, troca de saberes e realização pessoal. (Figura 1).

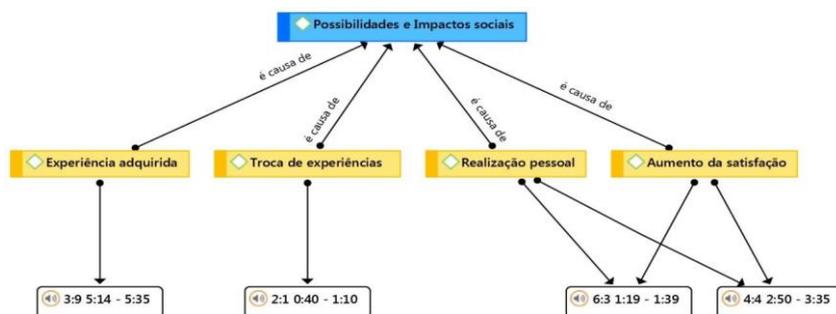


Figura 1. Possibilidades e impactos sociais promovidos pela Casa de ES

No cenário mundial, dominado pelo capitalismo que foi intensificado pela globalização e mídias de massa, as pessoas tem desenvolvido novas formas de inserção no mercado de trabalho e de sobrevivência em meio ao sistema, dentre essas formas se encontram os empreendimentos solidários. As possibilidades e impactos sociais promovidas por esses empreendimentos tem sido causa de grande evolução na busca de um modo justo de organizar e produzir.

A implantação da Casa de ES em Sumé representa um ato de impacto social não apenas na cidade, mas na região como um todo. Sabe-se que alguns pilares que sustentam a economia solidária são: autogestão, solidariedade, cooperação e comércio justo, esses elementos juntos são responsáveis por dar oportunidade para o surgimento de novos empreendimentos provocando assim impacto social no local onde está inserido. De acordo com as entrevistadas, a experiência adquirida ao longo dos anos através da cultura de produzir, seja em casa ou em alguma associação, possibilitou para que os empreendimentos fossem alocados na Casa de ES no município de Sumé. Essas experiências foram favoráveis também para a troca de saberes entre as empreendedoras que com o passar do tempo puderam aprender umas com as outras, isso aparece como uma grande possibilidade no que tange ao desenvolvimento do projeto. A realização pessoal aparece como um forte impacto social promovido pela Casa, que fez com que muitas mulheres pudessem expor seus projetos e sair do anonimato. Algumas das empreendedoras não tinham ânimo para sair de suas casas, e o trabalho de apresentar seus empreendimentos na Casa, proporcionou melhora no convívio com as demais pessoas, possibilitando assim prazer no trabalho através do aumento da satisfação elencado por elas nas entrevistas.

"...só as amigas que a gente consegue aqui dentro e formou uma família é muito bom. [...] se diverte, uma quando está triste, uma anima a outra e é muito bom..." (E06)

"...Olha, quando eu cheguei aqui tive um elo de família, eles acolheram a gente muito bem." (E04) (Informações verbais)

Desse modo, o que se observou sobre as possibilidades e impactos sociais, foram um conjunto de fatores que contribuem diretamente para a manutenção do projeto. Além da parceria horizontal dos empreendimentos, a Casa vem executando expressivas ações junto com o poder público para expandir o número de colaboradores que fazem parte da Casa. Uma das entrevistadas colocou esse ponto como uma grande possibilidade para expandir os empreendimentos presentes na Casa: ensinar aos jovens algumas artes como renda renascença para que a cultura esteja sempre viva na região, conforme pode-se observar: "... praticar

oficinas com as mulheres, não só as mulheres mas todos que estão aqui, não deixar que só os idosos pratiquem a renda renascença, mas os jovens também." (E02) (Informação verbal)

Apesar dos empreendimentos presentes na Casa hoje, terem alcançado um bom desenvolvimento, eles também apresentam dificuldades, que iremos ver no tópico subsequente.

4.2 Desafios enfrentados na Casa de Economia Solidária

No que se refere a dimensão desafios, foram identificados quatro categorias de análise, a saber: poucos recursos para insumos, poucas vendas, condições de trabalho e pouco retorno financeiro. (Figura 2)

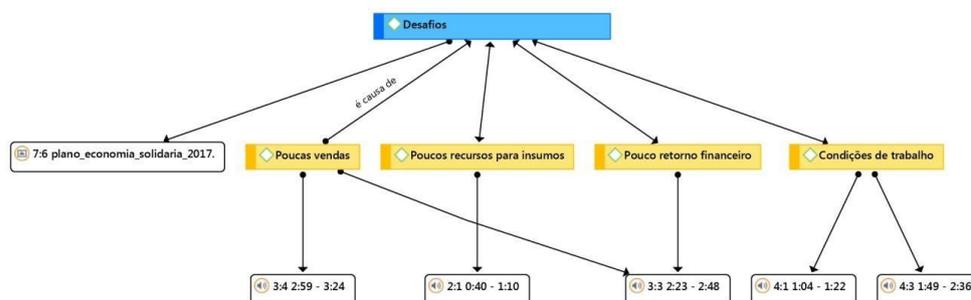


Figura 2: Desafios enfrentados na Casa de ES

A aquisição de insumos para seus empreendimentos é de responsabilidade das próprias mulheres, todavia, a Casa oferece cursos de capacitação para ensinar outras pessoas a produzirem, e para estes cursos o governo do estado é o principal ator. Na maioria dos cursos, se faz necessário que todos os alunos tenham o material necessário para que o curso aconteça, a região do Cariri é uma região carente, e as pessoas que procuram participar dos cursos geralmente são pessoas que necessitam entrar no mercado de trabalho, quando não se tem o insumo por parte do poder público, as empreendedoras adquirem com recursos próprios, isso é uma dificuldade elencada por elas conform pode-se ver na seguinte fala: “Eu iniciei agora recentemente um curso de costura para pessoas que não tem nenhum emprego e não sabem costurar, essas oficinas são de graça, mas a gente está precisando de insumos como: tecidos, tesoura e linhas; e não tivemos investimento para isso, e a gente ta aí para fazer o que tiver ao nosso alcance.” (E02) Outra dificuldade apontada por elas foi a de poucas vendas, ou "pouca saída" como mencionado em uma das entrevistas conforme pode se observar na seguinte fala: "Quando eu comecei a fazer potinhos de vidro decorado a saída não foi tão legal, eu senti a dificuldade de vendas, só continuei com escamas de peixe e palha de milho que vende mais. [...] o que a gente tem dificuldade aqui é a população que não vem, a gente vai para as praças, vai pra o NEXT² e fica lá por três dias uma vez por ano, e mesmo assim a gente percebe que as pessoas não vem ver, não vem olhar o artesanato de Sumé." (E03) (Informação verbal)

Os desafios mencionados que elencam poucas saídas e poucos recursos, repercutem negativamente para o pouco retorno financeiro e condições de trabalho, uma vez que estão entrelaçados entre si. Percebe-se nas falas das entrevistadas que mesmo existindo a Casa de

² Núcleo de Extensão da UFCG



ES em Sumé, as empreendedoras não conseguem vender como desejariam, ficando alguns produtos obsoletos na Casa, como é o caso dos potinhos de vidro decorados.

O pouco retorno financeiro deve-se as condições de trabalho, dado que as mulheres muitas vezes precisam baratear seus produtos para que possa vender, obtendo pouco lucro naquilo que foi produzido. Em uma das falas, a entrevistada menciona que fora de Sumé, as pessoas valorizam mais e elas são mais reconhecidas: "...a gente tá na praça, o povo dar uma passada para dar uma olhada, entendeu?! passa assim, mas não dá aquela importância, isso é triste, quando a gente tá fora é mais reconhecido." (E03) (Informação verbal)

Além disso, verificou-se uma carência de apoio técnico no sentido de dar formação na parte de gestão, principalmente financeira. As entrevistadas mostraram-se preocupadas em relação ao aspecto financeiro e relataram que existiu um apoio técnico por parte do governo estadual no momento que a Casa foi aberta.

De acordo com Souza et. al. (2014) a capacitação técnica e profissional dos empreendedores é um fator essencialmente importante para todo e qualquer empreendimento. Saber gerir os recursos sejam eles financeiros, materiais ou humanos proporciona ao empreendimento uma manutenção eficaz das suas atividades. Entretanto, os Empreendimentos Solidários, em sua grande maioria, não apresentam esse tipo de capacitação necessária para uma boa administração do seu negócio. Um desses exemplos é dito na fala de uma das entrevistadas, conforme se pode observar:

"Olha, a maior dificuldade da gente eu acho, não eu só, eu e mais duas meninas que trabalham com E.V.A³, foi começar. Nós não tinha conhecimento em expor direitinho as peças, como frisar, aí depois do curso a gente começou a ter esse desenvolvimento em aprender mais. Aí a maior dificuldade da gente foi o lado financeiro, porque nós não tinha renda de nada."(E04) (Informação verbal)

Entre os desafios colocados em análise, o plano estadual de ES coloca como desafio o pouco comprometimento dos gestores municipais com os empreendimentos solidários como pode se ver a seguir: "Entre aqueles desafios já destacados sobre a comercialização, o marco legal, a assistência técnica e o acesso ao crédito, pode-se destacar também vários desafios ligados à dimensão institucional, como por exemplo, o pouco comprometimento dos gestores municipais para com o tema da economia solidária. Este é um grande desafio para a efetivação, na base, de uma Política Estadual e Nacional de ECONOMIA SOLIDÁRIA." (Plano Estadual de ES)

4.3 Inovação dos Empreendimentos Solidários presentes na Casa

Já sobre o fator inovação dos empreendimentos solidários, foram identificados quatro categorias de análise, a saber: inovação nas vendas, criação de novos cursos e visão de futuro. (Figura 3)

³ Borracha de alta tecnologia que mistura Etil, Vinil e Acetato.



Figura 3: Inovação dos empreendimentos solidários presentes na Casa

Ao falar de inovação, muitos conceitos na literatura são citados, com o intuito de definir o que esta palavra representa. Segundo Santos, Fazion e Meroe (2010) a inovação e seu ciclo podem, historicamente, ser divididos em três etapas: invenção, presente desde o início da humanidade; imitação ou difusão, comum nos mercados cuja economia foi alicerçada pela produção e terceirização de produtos de consumo e inovação, estratégia para sustentabilidade econômica das organizações no século XXI, emergente após globalização da economia e alternativa para acompanhar a velocidade de demanda por novos produtos, característica da dinâmica contemporânea.

Com o surgimento da economia solidária, muitos empreendedores tiveram que inovar suas formas de vendas, de produção e se adequar ao mercado que muda constantemente e acompanha a evolução da sociedade com uma cultura cada vez mais entrelaçada de inovação. De acordo com Prado e Menezes (2015) a construção dessa capacidade de inovação tecnológica ocorre não só dentro de empreendimentos – solidários ou não - mas também na sociedade, através do conhecimento. Este conhecimento é não só o conhecimento técnica, aplicável nos processos de produção, mas uma cultura de inovação, isto é, uma sociedade culturalmente voltada para a inovação.

No tocante a inovação, poucas mulheres entrevistadas souberam falar sobre o assunto, no entanto, a forma como elas enxergam inovação e como tem evoluído seus empreendimentos são interessantes de observar, como se pode ver a seguir:

"...Inovar é acreditar que nós podemos buscar coisas novas aprender mais, trazer coisas novas para os clientes e para o nosso próprio lado profissional, a gente expor e distribuir mais coisas novas por aí. (E04) (Informações verbais)

No que se refere as vendas, as empreendedoras tem carência em novas formas de vendas, como por exemplo, via internet. Elas falaram que a maioria das vendas é feita diretamente na Casa de ES ou via feiras e exposições que participam, visto que a dificuldade com as vendas tem sido um desafio, ora mencionado anteriormente. Para isso, se faz necessário inovar nas vendas como o e-commerce, que inclusive faz parte dos eixos prioritários, presente no eixo 1 de produção, comercialização e consumo do plano estadual de economia solidária, como pode-se observar a seguir:

Ação 1: Criação e fortalecimento de portais eletrônicos ou lojas online da ECONOMIA SOLIDÁRIA com vista ao fortalecimento da comercialização dos produtos e serviços de economia solidária da Paraíba;



Ação 2: Realização de formação para os grupos utilizar-se da ferramenta de e-commerce, a exemplo do CIRANDAS, para divulgação e comercialização dos produtos e serviços. Outro ponto analisado foi sobre a criação de novos cursos. A Casa de ES hoje oferece diversos cursos como o de corte e costura e renda renascença para jovens e adultos

Percebe-se que entre elas, há um desejo de fortalecer e estimular a economia solidária através desse elo com a sociedade, principalmente em oferecer cursos para que a cultura da região sempre esteja viva e ao mesmo tempo vê-se a necessidade de cursos de gestão para elas próprias, pois elas mencionaram que gostariam de saber mais como atender melhor as pessoas, os clientes e ter mais assessoria por parte do poder público.

Por fim, a categoria de análise se refere a visão de futuro deste projeto. Foi feita a seguinte pergunta: qual(ais) a(s) sua(s) sugestão(ões) para o desenvolvimento deste projeto? A pesquisa identificou diferentes respostas, mas algo em comum entre elas é que o projeto pudesse crescer e expandir seus conhecimentos através da divulgação, tanto para clientes como para pessoas que fazem algum trabalho voltado para a ES, como pode-se observar na fala da E04: "...mais projetos, mais pessoas querendo acreditar em expor seu trabalho, pois eu conheço muita gente que tem várias tipologias [...] poder conhecer, em poder divulgar seu trabalho para pessoas que estão anônimas, sem conhecimento dessa Casa. Eu acho que se expandisse mais o conhecimento dessa Casa, as pessoas poderiam divulgar trabalho e poderiam crescer não só profissional, mas financeiramente também."

As mulheres empreendedoras da Casa de ES em Sumé almejam no futuro mais empreendimentos presentes, criação de novos cursos para a sociedade e uma maior divulgação dos trabalhos desenvolvidos na Casa para que assim possa obter mais vendas e crescimento da Casa, não só em Sumé, mas na região do cariri como um todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a pesquisa feita na Casa de Economia Solidária em Sumé, constatou-se que os empreendimentos solidários, ora feitos em casa, ora feitos em associações, migraram para um lugar onde acontece não apenas as vendas de seus produtos, mas um ambiente que proporciona alegria, bem estar e conhecimento através da solidariedade das empreendedoras. Em relação às possibilidades e impactos sociais, a Casa tem desenvolvido junto aos seus colaboradores um elo de aprendizado. As empreendedoras que até então não tinham conhecimento, passaram a ter um espaço para expor seus produtos e a vender, além de aprender umas com as outras. Dos impactos sociais mais atrativos presentes na Casa é o de oferecer cursos para a sociedade, fazendo com que a cultura desses empreendimentos, como é o caso do artesanato, não morra, e passe de geração em geração. Os desafios são muitos, desde a aquisição de insumos que muitas vezes impossibilita os cursos, como também a parte de vendas que tem sido o grande gargalo dos empreendimentos presentes na Casa, no entanto, pode-se dizer que apesar de toda dificuldade, as mulheres estão sempre ali no ambiente da Casa todos os dias da semana, para oferecer seus produtos e ensinar aqueles que procuram através dos cursos que são oferecidos atualmente. Sobre inovação, as empreendedoras sugeriram que as vendas fossem feitas também usando o e-Comerce, pois elas tem mais clientes de "fora" de Sumé, inclusive exportam seus produtos para outros estados do Brasil. Também elas pediram inovação nos cursos, oferecendo novos cursos para a população e não esquecendo do artesanato local que é a grande estrela da região do Cariri.



Com base nessas características, as políticas públicas presentes na Casa de ES em Sumé tem proporcionado grande desenvolvimentos dos empreendimentos presentes desde a sua fundação em 2018. Isso tem contribuído de forma tão significativa que o governo do estado da PB tem estudado a possibilidade de abertura de novas casas em outras cidades/regiões do estado e tem utilizado a Casa de ES de Sumé como exemplo para as que serão futuramente criadas. Destarte, é importante considerar as realidades e especificidades dos diferentes empreendimentos solidários presentes na Casa, oriundos das zonas rural e urbana de várias cidades do Cariri Ocidental. O desenvolvimento desses empreendimentos tem despertado o interesse das pessoas em participar. A Casa promove a inserção de novos empreendedores, fortalece-os através de formação para a inclusão nos empreendimentos de ES e tem garantido assessoramento técnico.

Evidenciou-se com o estudo realizado que o desenvolvimento da Casa de ES pode abranger um ramo maior de empreendimentos solidários além dos que já existem hoje. Recomenda-se que, não só a Casa de ES de Sumé mas as demais presentes no estado, possam ter um ambiente virtual para divulgação de seus empreendimentos, como também feiras, palestras, cursos, etc. Neste estudo houveram limitações na quantidade de entrevistas realizadas com clientes, uma vez que os clientes não estavam presentes em nenhum dos dias que ocorreu a pesquisa. Outra limitação importante se refere ao tamanho da amostra, dado que os empreendimentos presentes na Casa de ES de Sumé são poucos e estes dados permitem considerar os resultados obtidos apenas para a amostra em questão. Com isso, pode-se dizer que a economia solidária é um forte ator econômico na região do Cariri Paraibano onde muitas famílias tiram desses empreendimentos seus próprios sustentos e esperam que eles se desenvolvam cada vez mais com a ajuda da Casa de Economia Solidária.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

CASTRO, Carlos Henrique, PASCALI, Maria Julia; PRIMAVERA, Heloisa; WHITAKER, Stella; O clube de trocas de São Paulo. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2003.

CATTANI, D. A. (Org.). **A Outra Economia**. Porto alegre: Veraz, 2003.

FRANÇA FILHO, G.C; LAVILLE, J. L. **Economia Solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre, EDURGS, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. **Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação**. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 7, n. 1, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)
<https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 17/06/2019



KRAYCHETE, G. **Economia Popular Solidária: paisagens e miragens**. Cadernos do CEAS, Salvador, nº. 228, vol. 1, p. 13-26, 2007.

LIMA, M. **Projeto de economia solidária no BNB: subsídios para avaliar a aplicação do Fundo de Desenvolvimento Regional (FDR)** 19. ed. Fortaleza. Banco do Nordeste, 2010.

MANCIE, E. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós capitalista à globalização atual**. Petrópolis. Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Aline Fátima do. **Economia popular solidária: alternativa de geração de trabalho e renda e desafio aos profissionais do Serviço Social**. Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 264-281. jul./dez. 2007

PLANO ESTADUAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Governo da Paraíba. João Pessoa, 2014

PRADO, Ana Raquel Mechlin e MENEZES, Daniel F. N. **Inovação tecnológica e economia solidária: uma aproximação necessária**. I CONPES - Congresso de pesquisadores de Economia Solidária. UFSCar - São Carlos - SP (2015) Disponível em: http://www.conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/gt2/sessao-2/prado_ana_menezes-daniel.pdf Acesso em 15 de ago. de 2019

SENADO FEDERAL. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/10/pec-inclui-a-economia-solidaria-entre-os-principios-da-ordem-economica> Acesso em 10 de junho de 2019

SILVA, Sandro Pereira. **O campo de pesquisa da economia solidária no Brasil: abordagens metodológicas e dimensões analíticas**. IPEA, Rio de Janeiro, 2018

SINGER, P. **Introdução à Economia solidária**. Estudos avançados, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2002

SOUZA, Antônio Artur de; RUPPIN, Letícia Wolff; CUNHA, Narrayra Granier e FREITAS, Jéssica Martins. **Os Desafios Enfrentados Pelos Empreendimentos Solidários: Um Estudo Na Região Metropolitana De Belo Horizonte - Mg** VIII Encontro de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE) Goiânia, 2014 Disponível em: <http://www.egepe.org.br/anais/tema02/315.pdf> Acesso em 08 de ago. 2019

TAUILE, J. R. e RODRIGUES, H. **Economia Solidária e autogestão: a criação e recriação de trabalho e renda**. Ipea. Rio de Janeiro, 2004



ANEXO

TERMO DE COMPROMISSO DE APRESENTAÇÃO 13º Congresso de Gestão Pública do Rio Grande do Norte

“Comprometo-me, caso meu Trabalho seja aprovado pelo Comitê Científico, a comparecer ou nomear um representante para sua apresentação, no dia e hora previamente comunicados.

Autorizo a publicação do material utilizado em minha apresentação no site do evento, assim como o uso de sons e imagens. Autorizo também o recebimento de mensagens SMS através de meu celular com informações relativas ao meu trabalho científico e minha participação no congresso. ”

Jeferson Silva de Andrade
Jeferson Silva de Andrade